

A memória do pensamento e da visão de Pierre Teilhard de Chardin, quando celebramos os 70 anos da sua morte (França, 1 de maio de 1881 – EUA, 10 de abril de 1955), parece vir ao encontro de algumas das nossas questões atuais mais importantes, de medos e de esperanças. Haverá paz para todos? Fé e ciência poderão dar as mãos na procura do bem? Não são estes o grito e o desejo do nosso tempo, para lá de propostas ingênuas, de crenças e descrenças, de ideologias avulsas e ameaças de novas guerras e bombas, com tecnologias para tudo, mas sem que se garanta um lugar justo para a vida de cada um?

O padre Teilhard de Chardin, jesuíta e cientista-paleontólogo, estudou, refletiu e escreveu com “olhos novos” sobre tudo o que afetava a humanidade. Foi amado e rejeitado, abanhou as estruturas do seu tempo, particularmente as da tradição eclesiástica – hoje, podemos ver o seu legado com a devida distância e de modo mais amplo. Foi temido como “modernista”, suspeito de alinhar com o anticlericalismo francês. Encarnou uma desejável reconciliação entre ciência e fé, o amor a Deus e à Terra *mater*. Testemunhou e desenvolveu uma visão saudável, crítica e simultaneamente apaixonada do mundo e da criação: não um cosmos rico e estático, mas uma “cosmogénese”, em processo de evolução dirigida pelo espírito. Porém, sobre tudo isso, veio a cair uma crítica severa, que redundou em condenação, por se atrever a repensar a doutrina do “pecado original”, entendida como défice e “castigo” que afeta toda a humanidade por ser toda descendente de um único casal, o primeiro, que caiu em tentação. Tal doutrina, conhecida como “monogenismo”, era já, então, posta em causa pela ciência, em concreto pelos resultados da investigação geológica e paleontológica. Teilhard de Chardin via o universo como sendo levado por Cristo, o «amor evolutor» – é a sua linguagem –, por quem e para quem tudo converge. É este o seu mote e a sua chave de leitura da realidade: «tudo o que se eleva (sobe), aponta e leva (converge) ao Cristo vivo, motor da humanização e Ómega do Universo». Com Teilhard de Chardin, talvez possamos dizer que a unidade da humanidade vem mais do fim para onde nos dirigimos do que das origens de onde provimos.

Teilhard de Chardin morreu em 1955, em Nova York, praticamente desterrado. Nasceu em França, em Auvergne, em 1881. Teve uma vida cheia no ensino e na investigação (foi professor de geologia no Instituto Católico de Paris). Passou por duas guerras mundiais, tendo sido mobilizado na primeira. Admirado e convidado para participar em colóquios científicos e em viagens de trabalho de campo, com mais frequência na China, participou na descoberta do “*homo sinantropus*”, e, mais tarde, em escavações paleontológicas na África do Sul.

A “desgraça”, por assim dizer, a que já nos referimos, cai-lhe em cima quando, em 1922, partilha com amigos e envia à Revista *Études* a nota “Reflexões sobre o Pecado Original”. O texto não será aceite por ser «um tanto evolucionista». Mas a sorte estava lançada e o seu pensamento e a

sua atitude também não serão bem recebidos em Roma, junto do Santo Ofício e entre teólogos consultados. A forte resistência anti-modernista que então se fazia sentir dentro da Igreja Católica leva o Superior Geral dos Jesuítas a tomar posição de força. Para além do diálogo desejável, o clamor teve como consequência uma forte advertência: teve de deixar o ensino em Paris (1925) e, de seguida, foi proibido de publicar.

O padre Teilhard obedeceu, mas, naturalmente, continuou a pensar, a escrever textos e cartas que, frequentemente, chegavam a amigos e a jesuítas mais próximos que o apoiavam, que comentavam e acabavam por partilhar os escritos, datilografando-os e ciclostilando-os. Se, dessa forma, continuava o diálogo, agora em privado, por outro, fez com que, depois da sua morte, se tornasse muito difícil organizar, datar e reunir os seus escritos, tão vastos e variados. Com grande mérito, este foi o trabalho extraordinário feito recentemente pela historiadora e investigadora Mercè Prats, publicado em França, em 2023: *Pierre Teilhard de Chardin: Biographie* (ed. Salvator). Em 2022, a autora já tinha publicado *Une parole attendue*, com todo o processo de descoberta e de ordenação dos policopiados de Teilhard de Chardin. Pôde contar, então, com o acesso aos arquivos romanos, quer da Congregação para a Doutrina da Fé, quer da Cúria Geral da Companhia de Jesus.

Esta é a história rápida do princípio e fim de uma crise cultural, política e eclesial muito típica e concreta. Vale a pena voltar lá pelo que podemos aprender com ela no presente e no futuro. “Crises modernistas” sempre as teremos connosco. Fazem parte da evolução histórica e do crescimento. Importa, sim, que sejam bem superadas com a luz purificada do diálogo através das dores de morte e de nascimento que possam trazer. Hoje, em moldes e intensidades bem diferentes, as crises estarão mais à vista? É sempre necessário discernir euforias de fuga para a frente e conservadorismos de estabilidade doentia.

O susto modernista do início de século XX passou. Mas há sempre ameaças e desafios socioculturais de ideologias e novos paradigmas a discernir. Por outro lado, hoje, falar de «evolução dirigida pelo espírito» tem já o seu lugar próprio, sem ter de pagar taxa a antigos “darwinismos”. Enfrentar e discernir é palavra de ordem. No que diz respeito à “pedra de tropeço” que afetou profundamente o padre Teilhard, o enorme avanço e aprofundamento da exegese bíblica abriu portas para rever com liberdade e ortodoxia novas questões colocadas pela ciência e novos desafios teológicos. Quanto ao “monogenismo” e ao “pecado original”, nem a paleontologia nem os estudos bíblicos do Livro do Génesis permitem a interpretação mais tradicional. O que Teilhard de Chardin veio oferecer foi um novo entendimento teológico ao pôr o centro de gravidade em Cristo Ómega (fim e finalidade), no qual e para o qual somos criados e salvos de todo o “pecado” (isto é, da ausência de Deus). Na verdade, era mais “paulino” do que a teologia que o contestou

(Col 1,15-20). Se há alguns nichos de suspeita paralisante, a verdade é que os caminhos abertos pela visão do padre Teilhard são cada vez mais reconhecidos. E até os últimos papas o citaram.

Mas voltemos ao enorme trabalho de Mercè Prats que nos permite, hoje, um conhecimento mais ordenado e crítico da pessoa e obra de Teilhard de Chardin, da sua época e das consequências do seu pensamento. Vale a pena registar o testemunho surpreendente do Cardeal José Tolentino de Mendonça no Prefácio à tradução italiana do livro, publicada em 2025 pela *Libreria Editrice Vaticana*: «Pierre Teilhard de Chardin é uma das figuras mais fascinantes e complexas do pensamento do século XX. A sua obra coloca-se no cruzamento da ciência, teologia e filosofia, numa tentativa audaz de integrar a evolução cósmica com uma visão espiritual do universo.» Certamente, esta é uma urgência dos nossos dias. «Num tempo no qual o progresso é frequentemente associado a riscos e perigos, Teilhard convida-nos a ver na evolução não só uma fonte de conflitos mas também uma oportunidade para crescer como espécie e indivíduo. O seu otimismo não é ingénuo, mas enraizado na confiança profunda na capacidade de o homem colaborar com as forças criativas do universo.»

Hoje, parece natural, quase consensual, este tipo de apreciação dentro do debate intercultural sobre *O lugar do Homem na natureza*. Mas na primeira metade do século XX, o mundo ocidental atravessou a grande revolução industrial, com todas as suas consequências. Foi tempo de um novo despertar de nacionalismos, da revolução russa (1917), de uma verdadeira explosão das capacidades técnicas, científicas e artísticas, juntamente com uma Europa em guerra (1914–18). Nesse quadro, a Igreja sentia-se ameaçada nas suas certezas e tradições. Esse foi o tempo em que Teilhard de Chardin se formou e “sonhou”, lendo as origens: mais do que um futuro cristológico, via um universo em processo de “cristogénese”. Tinha um olhar crítico: não foi um modernista, mas um cultor da modernidade.

Revisitando o seu percurso, podemos dizer que a primeira grande fonte de inspiração de Teilhard de Chardin foi a experiência do Tempo de Guerra. Mobilizado, não como padre, mas como maqueiro, viveu nas trincheiras da linha da frente francesa. É aí que realmente começa a escrever. Arrastando mortos e feridos, vivendo tempos e noites de vigília, meditava e escrevia sobre os temas mais atuais e desafiadores, como que a partir de uma fonte surpreendente.

*Escritos do tempo de guerra* é o volume que reúne os textos mais antigos, cartas e meditações que enviava por correio a amigos e familiares escolhidos. O conhecimento da vasta bibliografia de Teilhard de Chardin, toda ela póstuma, bem pode começar por aí. Em particular, o texto de não mais de cinquenta páginas a que deu o título *A vida cósmica*, que só terminou em 1916 e que ele próprio designou como o seu «testamento intelectual».

A partir dessa experiência, quando nos confrontamos com as guerras brutais do nosso tempo, que evidentemente devemos rejeitar, não as podemos colocar nessas dores do mistério de Cristo, que é mistério de purificação humana, podendo ser dores de parto? Hoje, serão ainda mais duras do que as vividas nas trincheiras, mas não deverão ser menos fonte de reflexão e de inspiração. São sempre clamor de mártires e desmascaramento dos poderes do “pai da mentira”. Mas revelam também o forte desejo de um caminho novo, mais cósmico, de uma evolução possível à luz de Cristo, da sua morte e ressurreição. Mais tarde, Teilhard de Chardin viria a falar da «nostalgia da frente» (de batalha). Na solidão, perante a rejeição do seu pensamento, na sua vontade espiritual de obedecer, podia ouvir o grito de mais um ferido a resgatar, as sirenes e as bombas, reviver o abandono e a proibição de ensinar e de regressar a Paris.

Da sua vasta obra, Teilhard de Chardin só escreveu dois livros completos: *Fenómeno humano* (1940) e *O meio divino* (1927). Mas nem esses pôde publicar. Tudo o mais são coletâneas de artigos e ensaios agrupados tardiamente. E, porém, a sua vontade de partilhar e de dialogar sobre a sua visão das coisas e da evolução do mundo era imensa: a cristogénese que envolve toda a criação e o Ressuscitado como motor da evolução. Em *Escritos do tempo de guerra* testemunhamos quanto o leque do seu pensamento é estimulante. Reparemos em alguns títulos: “O poder espiritual da Matéria”, “A Fé que opera”, “O Padre”, “*Forma Christi*”, “O meu universo”, “O eterno feminino”, “A luta contra a multidão”, “Nota para servir a evangelização dos novos tempos”, entre outros.

No seu Prefácio, o Cardeal Tolentino escreveu também:

O Papa Francisco recordou a figura de Teilhard em setembro 2023, durante a sua viagem à Mongólia, precisamente no vizinho deserto de Ordos, exatamente ali onde, cem anos antes, o jesuíta rezava com a sua célebre “Missa sobre o mundo”. Francisco pronunciou as palavras daquela oração e, depois, afirmou: «Este sacerdote, tantas vezes incompreendido, tinha intuído que “a Eucaristia é sempre celebrada, em certo sentido, sobre o altar do mundo” e é “o centro vital do universo, o centro transbordante de amor e de vida inexaurível”, mesmo num tempo como o nosso de tensões e de guerras.»

*Ver e prever* são verbos recorrentes do padre Teilhard. Com que olhos vemos o nosso tempo? Ele, viajando ou participando em escavações paleontológicas, meditando e escrevendo ou através de debates, no fundo, procurou o *fenómeno humano* e o *meio divino*. Completou os seus dias obedientemente exilado em Nova York para não voltar a Paris. Morreu no domingo de Páscoa de 1955, como terá dito ser seu desejo. Manifestou também que, mais que comungar ao morrer, preferia morrer comungando.